



Marcos Garcia Neira – Foto: Marcos Santos/USP Imagens

O livro [*Escrevivências da Educação Física Cultural – Volume 5*](#) não se apresenta como um livro neutro, nem poderia. A obra se inscreve, de forma explícita, no campo das disputas que atravessam a escola: disputas sobre quem pode falar, quais saberes são legitimados, quais corpos são reconhecidos e quais narrativas ganham visibilidade no debate educacional. Ao assumir essa posição, afirma a docência como espaço de produção de conhecimentos e reconhece que o currículo, longe de ser técnico ou consensual, é permanentemente atravessado por relações de poder. É nesse terreno conflituoso que a Educação Física se reinventa.

Ao reunir escriturais de professoras e professores de escolas públicas que participam das atividades promovidas pelo Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar da Faculdade de Educação da USP, no âmbito de um projeto de pesquisa financiado pelo CNPq, e que afirmam colocar em ação a perspectiva cultural da Educação Física, este volume confronta a lógica historicamente dominante que separa teoria e prática, universidade e escola, quem pensa e quem executa. Aqui, a escrita não aparece como apêndice do trabalho pedagógico, mas como parte constitutiva da própria docência. Escrever a aula é também refazê-la, deslocá-la, reinscrevê-la no currículo. A escrita docente emerge, assim, como reinvenção e recusa ao silenciamento imposto a quem ensina, especialmente em um campo que, por décadas, foi reduzido à técnica, ao desempenho e à docilização dos corpos.

Inspirada na noção de escriturais formulada por Conceição Evaristo, a obra reivindica o direito de narrar a si e às próprias experiências como gesto político. Narrar, neste contexto, não é relatar fatos, mas disputar sentidos e produzir deslocamentos. É afirmar que as aulas de Educação Física não são espaços neutros, mas territórios nos quais se confrontam discursos sobre gênero, raça, deficiência, juventudes, saúde, normalidade e diferença. Cada relato de experiência que compõe este volume reinscreve a Educação Física nesse campo de tensões, recriando-a a partir do vivido.

As narrativas docentes aqui reunidas não oferecem respostas prontas nem modelos universalizáveis. Pelo contrário, expõem as incertezas, os impasses, os conflitos e as apostas que atravessam o cotidiano escolar. Essa recusa ao modelo é, em si, um posicionamento decidido: ao invés de repetir fórmulas, os textos revelam processos de criação curricular situados, produzidos em diálogo com territórios específicos, com estudantes concretos e com condições reais de trabalho. Trata-se de uma crítica direta às políticas educacionais que insistem em padronizar currículos, homogeneizar experiências e transformar a docência em mera execução de prescrições externas. Políticas que tentam impedir, justamente, a reinvenção da escola e da Educação Física.

A Educação Física que emerge destas páginas não se organiza em torno da transmissão de uma cultura corporal fixa, mas da problematização das representações que circulam sobre as práticas corporais e sobre quem as pratica. Os corpos que aparecem nos relatos (negros, periféricos, dissidentes, com deficiência, infantis, juvenis, populares), não são objetos de intervenção, mas sujeitos de enunciação. Ao colocá-los no centro da experiência curricular, as(os) autoras(es) deslocam a Educação Física de seu lugar historicamente disciplinador para tomá-la como espaço de artistagem, produção cultural, confronto e invenção de outras possibilidades de existência.

Há, neste volume, uma crítica explícita às pedagogias que naturalizam a exclusão sob o discurso da neutralidade ou da meritocracia. As escriturais evidenciam que a inclusão não é uma promessa abstrata, mas um trabalho pedagógico cotidiano, feito de escuta, negociação, tensionamento e desestabilização de normas. Reinventar a Educação Física, nesse sentido, não significa adaptar corpos a padrões preexistentes, mas questionar os próprios padrões que definem quem é considerado apto, normal ou legítimo.

Ao tornar públicas essas escritas de si, o livro confronta também a hierarquia epistêmica que historicamente autorizou apenas determinados sujeitos a falar sobre a escola. As escrevivências recusam a tutela acadêmica e reivindicam um lugar próprio no debate educacional. Não se trata de negar a teoria, mas de reconstruí-la em diálogo com a experiência, sem subordinação, sem hierarquia e sem silenciamento.

Este quinto volume reafirma, assim, que a Educação Física cultural não é uma abordagem, um método ou um conjunto de técnicas. É um campo de lutas. Um campo em permanente disputa por sentidos, por reconhecimento e por justiça curricular. Ler este livro é aceitar o convite para se posicionar diante das desigualdades, das violências simbólicas e das tentativas de neutralização da escola e da docência.

[Escrevivências da Educação Física Cultural – Volume 5](#) não foi escrito para pacificar. Foi escrito para incomodar, deslocar e reinventar. E é justamente nesse gesto político que reside sua maior potência.

*(As opiniões expressas nos artigos publicados no **Jornal da USP** são de inteira responsabilidade de seus autores e não refletem opiniões do veículo nem posições institucionais da Universidade de São Paulo. Acesse aqui nossos [parâmetros editoriais para artigos de opinião](#).)*